

## *BASES LINGÜÍSTICAS DA ALFABETIZAÇÃO*

Dinorá Fraga da Silva  
Faculdade de Educação da UFRGS

### *RESUMO*

Desenvolvimento das bases lingüísticas da alfabetização, através da explicitação de três variáveis: base biológica e ambiental da aquisição de uma língua; o sistema lingüístico e a relação pensamento/língua.

A afirmativa enunciada no título implica o posicionamento assumido e justificado neste artigo. O pressuposto consiste em que consideremos o desenvolvimento da competência lingüística de um falante nativo, nas modalidades de língua oral e escrita, nos níveis de produção e compreensão, apenas como uma parte do processo de alfabetização.

Começamos com argumentos ligados à teoria de aquisição e desenvolvimento de uma língua. Esta teoria é desenvolvida através de explicitação de três variáveis básicas:

- 1º — base biológica e ambiental da aquisição de uma língua
- 2º — sistema lingüístico
- 3º — relação pensamento/língua

A partir de apresentação e desenvolvimento destas três variáveis, procuramos conceituar o processo da alfabetização no domínio lingüístico.

### *1ª VARIÁVEL — PRESSUPOSTOS...*

#### *1 — PRESSUPOSTOS BIOLÓGICOS E AMBIENTAIS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM*

Na segunda metade do séc. XX, os estudos lingüísticos tomaram novo rumo. A fase descritiva dos fenômenos da língua mudou para uma fase explicativa. Durante anos a tradição estruturalista impôs à especulação dos fe-

nômenos lingüísticos um sério entrave. Preso a seus postulados, o estruturalismo se atinha ao exame do dado físico puramente, prendendo-se apenas aos enun- ciados tal como eles eram produzidos e percebidos, isto é, em sua forma acústica e articulatória. Qualquer especulação, que buscasse no falante a causa para a compreensão da natureza e estrutura do fenômeno, era rejeitada. Assim, en- quanto predominou o método estruturalista, a abordagem do fenômeno lingüís- tico ficou prejudicada no sentido de busca de respostas a certas indagações vol- tadas para o falante. Salientamos, porém, que o método estruturalista trouxe contribuições valiosas na descrição do fenômeno lingüístico, do ponto de vista da realidade física.

Posteriormente, lingüistas, biólogos, psicólogos e sociólogos voltaram-se para uma posição interdisciplinar no estudos dos fatos da língua, buscando em outras ciências, fundamentos para indagações como a relativa à aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Para elucidar o nosso posicionamento sobre alfabetização, especificaremos alguns princípios decorrentes de base explicativa dos fenômenos da língua.

1 — o homem está equipado com propensões biológicas altamente es- pecializadas que favorecem e, até mesmo, dão forma ao desenvolvimento da fala na criança.

2 — as raízes da aquisição do conhecimento lingüístico estão fundamen- tadas em nossa constituição biológica.

### *INDICADORES QUE EVIDENCIAM A BASE BIOLÓGICA DA LINGUAGEM*

#### PREDISPOSIÇÃO GENÉTICA

Um indicador que evidencia uma base biológica da linguagem é o de que há uma predisposição genética para a linguagem. Observemos o fato de que o desenvolvimento da linguagem é independente do balbucio infantil ou mesmo de uma habilidade auditiva da criança. Uma criança congenitamente surda pode aprender uma linguagem e chega a se comunicar com eficiência pela escrita.

#### A HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM É FIXA

Todas as crianças atravessam fases idênticas no processo de aquisição da fala.

1º — apreensão da palavra e palavra-frase;

2º — combinação de palavras — gerar frases mais complexas.

Por outro lado, a aquisição dos conceitos, a ausência virtual de algumas es- truturas sintáticas nos três primeiros anos de vida (como o condicional e o sub- juntivo), a freqüência de ocorrências de palavras que diferem da sua freqüência no ambiente lingüístico, como o nome das cores e os artigos, remetem-nos para

ver neste fato um indicador de que a aquisição e funcionamento de uma língua não dependem unicamente do meio.

## COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA

Pensemos na competência do falante ao produzir e compreender a fala. A atividade verbal nunca é mera produção automática. Podemos ilustrar esta afirmativa lembrando casos de crianças que estendem um prefixo para outras palavras, criando novas formas como acender — desacender = apagar, ou para palavras que têm formas irregulares como fazer — fazeu; galinha — galinho (em vez de galo); Também podemos lembrar as construções semânticas na linguagem das crianças em que há um processo outro que não a simples imitação. As crianças fazem perguntas jamais feitas (que jeito tem o azul visto de trás?).

Assim, pensamos ter apontado alguns indicadores que nos coloquem:

a) diante de evidências de que há fatores fisiológicos, anatômicos e genéticos subjacentes ao comportamento verbal;

b) diante do compromisso de relegarmos a segundo plano o comportamento verbal, cientes de que este representa apenas a superfície de fenômenos de produção da língua, situados num nível anterior à manifestação articulatória;

c) diante da constatação de que a linguagem não pode ser vista apenas por um processo imitativo, processo este explicado assim — a criança associa os sons da voz humana às circunstâncias ligadas à satisfação de necessidades; ao ouvir seu próprio bulbucio casual reconhece nesses sons semelhanças com os enunciados pelos adultos de modo que o prazer ou a antecipação do prazer provocado pela voz da mãe transfere-se para suas próprias vocalizações. Assim, ouvir os seus próprios sons torna-se uma experiência aprazível em si mesma, ainda mais porque a mãe tende a reforçar esses sons, especialmente se eles, por acaso, assemelham-se a uma palavra como *papai*. Isto induz a um aumento quantitativo na produção vocal da criança.

d) diante da constatação de que o desenvolvimento da linguagem organiza-se segundo um plano multidimensional que atinge *simultaneamente* componente fonológico, o sintático, o lexical e os conceitos intelectuais.

Até agora, examinamos os pressupostos de base biológica que determinam o uso e o funcionamento da linguagem. Cabe examinar, a seguir, a dependência da linguagem em relação ao meio ambiente.

Apresentamos a idéia de que a fala é um padrão de comportamento que possui uma causa interna. Envolve uma predisposição biológica de que os homens são dotados. Isto é suficiente em si mesmo? Qual a influência do meio? Este é suficiente para produzir e desenvolver a fala? Se assim fosse, a fala seria uma reprodução automática. Pensemos, entretanto, no caso dos meninos que colocados desde o seu nascimento entre animais, afastados de qualquer contato com a civilização, ao serem encontrados não mostravam o domínio de nenhum

sistema lingüístico. Este dado é utilizado para firmar que, embora as raízes da língua estejam fundadas em nossa constituição biológica, o seu desenvolvimento depende das peculiaridades do ambiente da criança. A exposição da criança a uma comunidade lingüística é o fator de ordem externa responsável pela aquisição e o uso de uma língua.

## 2ª VARIÁVEL - SISTEMA LINGÜÍSTICO

Introduzimos a segunda variável que deve ser considerada ao tratarmos da linguagem no processo de alfabetização.

### O SISTEMA LINGÜÍSTICO

Se a aquisição e o desenvolvimento de uma dada língua está circunscrita também a fatores externos, como a língua utilizada num meio qualquer, então a estrutura desta língua deve ser considerada quando nos detivermos no processo de desenvolvimento da linguagem

Dizemos sistema lingüístico porque os componentes fônico, semântico e sintático se organizam segundo regras específicas própria de uma dada língua.

Como falante que somos de uma determinada língua, conhecemos esta língua. Quando falamos, usamos palavras. Estas possuem informações semânticas (o seu significado), e fonológicas (a sua forma física). A língua, por ser sistema, não é mera coleção de palavras. Isto tornaria possível sentenças como *-quero-mim\**. Há regras que regulam a forma como as palavras se organizam para formar as sentenças de uma língua.

Observamos as seguintes sentenças:

- Ele passou perto do banco (1)
- Carlos diz a João que perdeu sua caneta (2)
- Vi o acidente da ponte (3)

Observemos, ainda, este outro grupo:

- Ele chegou da Bahia, ontem (4)
- Ontem, ele chegou da Bahia (5)
- Zé empurrou o menino (6)

O menino foi empurrado por Zé (7)

Constatamos que a estes sete exemplos é possível fazer corresponder duas afirmativas principais:

1ª Numa língua há sentenças com a mesma forma e conteúdos diferentes. (1, 2 e 3)

2ª Numa língua há sentenças com formas diferentes e com mesmo conteúdo. (4, 5, 6 e 7)

A partir destas duas constatações é possível afirmar que a forma aparente de uma frase não é totalmente relevadora de seu significado. Foi postulada, en-

ção, a existência de uma estrutura profunda para cada sentença da língua que conteria todo o sentido de uma estrutura de superfície, correspondente a realidade acústico-articulatória do enunciado.

Cabe a questão formulada pelo bom-senso: o que ocorre entre a estrutura profunda e a estrutura de superfície?

Existem regras de transformação que modificam a forma de apresentação de sentenças, sem, contudo, alterar o significado.

Analisemos o seguinte exemplo:

Maria sabe que o seu irmão chegou.

O conteúdo semântico inicial que o falante tem é o seguinte:

— Maria sabe (algo)

— O irmão chegou

— O irmão é de Maria.

Certamente, não é possível falar desta forma. A competência lingüística do falante (inclusive crianças pequenas e analfabetos) utiliza um processo de transformação.

1ª transformação — acréscimo de uma S. (sentença)

Maria sabe que o irmão de Maria chegou.

2ª transformação — supressão do elemento repetido:

Maria sabe que o irmão chegou.

3ª transformação - encaixe de *seu* com deslocamento:

Maria sabe que seu irmão chegou.

Assim, o falante produz a forma final — Maria sabe que seu irmão chegou.

O falante aplicou regras de transformação. Atualmente, é levantada a hipótese de que quanto mais transformações o falante é capaz de produzir, melhor é o seu desempenho lingüístico.

Consideremos agora, este outro exemplo:

Para produzir um enunciado do tipo-o menino que é teu amigo esteve aqui — há, na estrutura profunda, o seguinte:

— o menino esteve aqui

— o menino é teu amigo

Para que a sentença resulte em sua forma final, o falante deve fazer as transformações seguintes:

— Supressão de elemento repetido (menino) e

— Acréscimo de — “que” —

— Encaixe da estrutura — “que é teu amigo” — entre menino — esteve aqui.

Existem numerosas regras de transformação. Um falante para produzir um enunciado faz uso destas regras — acréscimo, transposição, apagamento, inversão, etc.

Os aspectos salientados quanto à estrutura do sistema lingüístico e ao mecanismo transformacional que permite ao falante gerar os enunciados verbais, remetem-nos para uma implicação básica de ordem metodológica — uma das funções do professor seria a de organizar situações de ensino para desenvolver no aluno a habilidade lingüística de atribuir a uma mesma estrutura, várias estruturas de superfície. Para tanto, o aluno seria colocado em situações que lhe permitissem aplicar o maior número possível de transformações lingüísticas.

Vemos, por isso, do ponto de vista lingüístico, quão infrutíferas são as abordagens metodológicas que se atêm apenas a forma física do enunciado.

A terceira e última variável que deve ser considerada para explicitar nosso posicionamento sobre alfabetização na área lingüística é a relação pensamento/linguagem.

### *3ª Variável — RELAÇÃO PENSAMENTO /LINGUAGEM*

Trabalharemos com as seguintes indagações

A linguagem constitui uma condição necessária e indispensável à realização das operações lógicas elementares? Ela é condição indispensável para a formação destas estruturas?

Dentro desta indagação, surgem outras indagações decorrentes:

- As raízes das operações lógicas elementares são anteriores à linguagem ou devem ser procuradas nas condutas verbais?
- A formação do pensamento está ligada à aquisição da linguagem ou a uma função simbólica, anterior à aquisição de uma língua?
- Apenas a exposição da criança a um ambiente lingüístico é suficiente para a formação de estruturas operatórias ou a formação destas estruturas está presa a estruturas anteriores a linguagem, como a coordenação de ações?

Segundo Jean Piaget (1971), o tema envolve questões psicológicas e, portanto, somente com os dados da experiência teremos condições de encontrar respostas satisfatórias.

Entre sete e doze anos observamos o período das operações concretas, ligadas à manipulação dos próprios objetos. Surgem nesta fase, a noção de conservação de substância peso e volume. Observamos a criança fazendo classificações e seriações, por exemplo, apenas com a manipulação dos dados concretos. Foi observado, em situações práticas, que as crianças surdas alcançavam desempenhos até superiores nestas estruturas ao das crianças sem qualquer problema físico. Outro aspecto que deve ser ressaltado, é o de que a criança não emprega, para justificar as operações concretas realizadas, argumentos, no sentido de utilizar pensamento operatório formal, mas utiliza a linguagem para expressar verbalmente o que ela faz com o material concreto. A linguagem expressa uma

constatação de uma operação sobre o dado concreto. As justificativas são do tipo:

“eu apenas alonguei uma bolinha e fiz uma salsicha. Eu não tirei nada, nem botei.”

Estes fatos podem auxiliar na afirmativa do que a construção de operações lógicas e elementares parece não depender da língua, servindo esta como forma de a criança mostrar o que fez.

Na fase das operações concretas há um sistema de operações provenientes das ações exercidas sobre os objetos, muito mais do que provenientes de formulações verbais.

Contudo a formação do pensamento como representação conceitual é correlativa, na criança, à aquisição da língua.

O emprego dos primeiros signos verbais pela criança é elucidado através das seguintes observações:

“Com um ano e dois meses uma criança observada designou os cães por “au-au”. Algumas horas depois, no mesmo dia designa com este nome os desenhos geométricos do tapete, apontando-os com o dedo. Com um ano e um mês ela vê um cavalo de sua janela, contempla-o com grande atenção e diz “au-au”. Uma hora depois a mesma reação na frente de dois cavalos. Diz “au-au” aos automóveis, ao proprietário do cão inicial e a todas as pessoas.” (Piaget, 1971, p. 278).

“Outra criança, com um ano diz “tata” para designar todas as ações bem sucedidas (apanhar um objeto com um barbante ou encontrar uma resposta adequada).” (p. 279)

“Com um ano e dois meses ela exclama “mamãe” enquanto a mãe que esteve com ela a mais de uma hora, põe-se a se mexer de um lado para o outro. Com a mesma idade ela diz “papai” a alguém que lhe estende os braços como seu pai. No mesmo dia “papai” é atribuído a um senhor de visita a um camponês que acende seu cachimbo”. (p. 279).

Percebemos que estes primeiros esquemas verbais estão ainda ligados a esquemas de inteligência prática. Isto é evidenciado pelo fato de a criança não diferenciar o primeiro som au-au, ouvido por ela, de outros sons ou de outras situações.

“Com um ano e onze meses uma narrativa é feita a mãe a propósito de um gafanhoto. A criança conta: Roberto chorou, pato nadou no lago, outra criança diz: “Marlene no automove, parti no automove. Uma hora depois, sozinha no jardim ela diz a si mesma: Mamãe saiu, Jacqueline saiu com mamãe”. (1) (Piaget, 1971, p. 285)

Nestes exemplos, vemos que a linguagem deixa de acompanhar o ato para reconstruir uma ação passada fornecendo-lhe, assim, um começo de representação. Este é um momento decisivo em que a palavra começa a funcionar como subsídio, não partindo do ato, mas da evocação deste. A narração está ligada à socialização do pensamento. Observamos, contudo, que esta narrativa é, apenas, ainda, a reconstituição de uma ação. É necessário que a narrativa passe da expressão dos atos à constatação. A marca da presença desta conceptualização é o aperfeiçoamento da pergunta *o que é*, que a relaciona ao mesmo tempo com o nome e com o conceito. Como saber se estes nomes utilizados nesta fase já representam verdadeiros conceitos e não simples imagens interiores particulares e subjetivas? Nesta fase a criança está a meio caminho entre a comunicação e o monólogo. Surge aqui o conceito de egocentrismo — as narrações, descrições e mesmo as perguntas se dirigem tanto a si mesmo quanto as outras pessoas. Há uma indiferenciação entre o eu e os outros.

Há pois, dos dois aos quatro anos, estruturas preconceituais. A propósito, há necessidades de outro dado.

“Com três anos e dois meses — cruzamos com um homem: Este senhor é um papai? — Que é que é um papai? — É um senhor. Ele tem muitas Lucianas e muitas Jacqueline. Que é que são Lucianas? São meninas pequenas e as Jacquelines são meninas grandes”. (Piaget, 1971, p. 282).

Há, como é constatado, ausência de identidade individual e ausência de classe geral. Fica a meio caminho do individual e do geral.

Surge aí o conceito do pensamento egocêntrico que se caracteriza pela contração, ou seja, ao invés de adaptar-se objetividade à realidade, o pensamento a assimila à ação propriamente dita, deformado as relações segundo o ponto de vista deste último. Assim, embora utilizando formalmente enunciados verbais estes ainda não possuem a função social.

Nesta fase a expressão verbal utilizada pela criança é mais um significante simbólico do que um signo verbal.

O sinal “au-au” designa cães e tudo aquilo que vê da janela, como o cão inicial. “Papai” são todos aqueles que acendem o cachimbo ou estendem o braço como o papai.

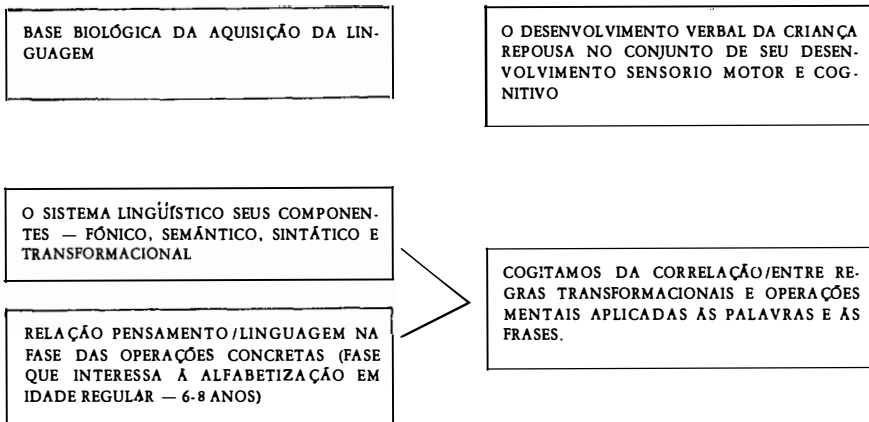
Estas primeiras palavras não vão se constituir, ainda, em conceito uma vez que a criança reúne objetos de diferentes naturezas, sob um mesmo nome; também seu ponto de vista físico, como a situação espacial onde se encontrava quando fez a observação, é elemento de que ela se vale para dar nomes. Entretanto, na medida em que tais palavras não são ação puras, mas já constatações, pode-se afirmar que estão em vias de conceptualização.

Vemos, pois, que a fala da criança não está desligada do desenvolvimento de inteligência. A fala a reflete e sua evolução está sujeita ao desenvolvimento da criança.



O ato da fala supõe a existência de sistemas. O primeiro deles é o sistema simbólico que permite que um signo possa ser o substituto de uma realidade, o segundo é o sistema constituído pelos signos (sistemas lingüísticos) e de seu funcionamento no discurso.

Resumindo temos como apoio para o conceito que daremos ao processo de alfabetização os seguintes postulados:



Assim, a alfabetização, na área da linguagem, é um processo de dupla natureza, situado em duas áreas distintas:

1ª ÁREA  
APRENDIZAGEM  
DA ESCRITA

2ª ÁREA  
DESENVOLVIMENTO  
DA LINGUAGEM

Esta área relaciona-se intimamente com procedimentos psicomotores e cognitivos, a partir da consideração da natureza do sistema lingüístico e do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

A língua usada pela criança não é condição para o desenvolvimento do pensamento. Deve ser vista como meio de representação de estruturas cognitivas que se formam na fase de alfabetização. Neste instante, a linguagem torna-se meio de consolidação destas estruturas e meio de socialização da criança.

Quanto à aquisição e desenvolvimento do léxico, surge a interação social com a comunidade lingüística, como fator principal.

Quanto à aquisição e desenvolvimento da estrutura da língua, surgem os fatores maturação e desenvolvimento cognitivo como causas para o desenvolvimento da competência lingüística da criança, a partir de sua exposição ao meio lingüístico.

Em um próximo artigo, consideraremos as bases psicogenéticas de escuta, a partir da análise de experiências realizadas no Projeto Pericampus e no Colegio de Aplicação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra, A. Amado, 1975. 372p.
2. DUBOIS, Charlier Françoise. *Bases de análise lingüística*. Coimbra, Almedina, 1977. 334p.
3. LENNEBERG, Eric H. A capacidade de aquisição da linguagem. In: CHOMSKY, Noam et alii. *Novas perspectivas lingüísticas*. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1976. p.55-92.
4. PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971. 370p.
5. \_\_\_\_\_. *Logique et connaissance scientifique*. Separata de Encyclopedie de la Pleiade. s.n.t. p.375-99.

#### ABSTRACT

This study examines the development of the linguistic bases of reading instruction through the explication of three variables: the biological and environmental factors in the acquisition of a language, the linguistic system and the relationship between thought and language.

(Recebido para publicação em 22.06.82)